

Referenciação: aplicação do signo

Referenciação: the application of sign

Marcos Candido da Silva¹

Resumo

Artigo baseado na coletânea do livro, cujo título é *Referenciação*, publicado pela editora Contexto, em 2003. O propósito - segundo a organizadora Mônica Cavalcante - é propiciar ao meio acadêmico o acesso à literatura que fundamenta as pesquisas na área, favorecendo as reflexões sobre os temas abordados. Decidimos então refletir sobre a temática e a fundamentação do material, já que tivemos acesso à produção. Analisamos as considerações feitas por Mondada e Dubois, Apothéloz e Milner para construirmos nossa crítica.

Palavras-chave: signo, sentido, cognição.

Abstract

Article based on the compilation of the book, whose title is *Referenciação* published by Contexto in 2003. The purpose - according to organizer Mônica Cavalcante is permit Access to academic literature Who moved the searches in the área favoring the reflectins on the issues. Then decided to reflect on the issue and the reasons we had already Access to production. No one can contemplate the analysis of all articles of compilation in our writing draw out the considerations made by Mondada e Dubois, Apothéloz e Milner.

Keywords: sign, meaning, cognition.

INTRODUÇÃO

Verifica-se nos estudos da linguagem o objetivo de detectar os mecanismos e procedimentos utilizados para a construção do sentido textual. Ocorre que mecanismos e procedimentos para a constituição da trama textual fundamentam-se em conteúdos lingüísticos e construção de sentido implica

¹ Doutorando e professor Substituto da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Coordenador do Centro de Idiomas do Cetep Mangueira da Rede FAETEC (Fundação de Apoio à Escola Técnica Estadual), Professor de Oficina de leitura e Produção Textual da mantenedora SUESC da Faculdade do Grupo Pitágoras de Ensino.

processamento cognitivo: podendo-se estabelecer a conciliação pelo funcionamento gramatical.

Creemos que as relações estabelecidas para apreensão de sentido dos textos traduzidos no livro *Referenciação* podem-se explicar pela gramática que organiza relações e constrói significações. As análises feitas (traduções apresentadas), com correspondência em nossa língua, apresentam a gramática em funcionamento, levando-nos a entender que a conjugação entre mecanismos e procedimentos lingüístico-gramaticais e os processos cognitivos ativados para a interação discursiva na composição dos textos estão organizados pelos signos gráficos constituintes da trama textual.

Concorre com o modelo teórico de análise gramatical a utilização das classes e funções pelo funcionamento que os usuários dão aos conteúdos lingüísticos na composição de seus textos (NEVES, 2002). A materialização do discurso conjuga funcionamento lingüístico e processo cognitivo, pois a língua se nos apresenta pela expressão de todos os conteúdos que a mente do homem concebe para a sua interação (BURKE & PORTER, 1993).

A REFERENCIAÇÃO

A riqueza de nossa língua nos possibilita versatilidade para nos adaptarmos às diversificadas situações de construção textual produzidas nos contratos de comunicação, ou seja, permuta de sentidos dos atos de comunicação (CHARAUDEAU, 1999) estabelecidos pelos interlocutores, levando-se em conta a atitude cooperativa dos envolvidos na interação verbal. O sentido impresso no ato de comunicação é o conjunto do que situa o homem no mundo social de que faz parte (BAKHTIN, 1995).

A descoberta dos procedimentos utilizados para a produção do sentido, utilizando o signo como unidade de forma e conteúdo da tessitura textual, possibilita verificar as relações de sentido estabelecidas entre os sujeitos sociais que partilham a cena (MAINGUENEAU, 2001). As relações estabelecidas pela linguagem utilizada pelo homem na construção da trama textual é tão ampla quanto o número de signos utilizados como mecanismo de sentido de sua construção textual (KEMPSON, 1980).

Sujeitos sociais dialogam pelo compartilhamento do sentido estabelecido no texto, o qual se torna uma unidade representada pelos signos significativos eleitos. O texto deve ser um todo não só coeso, mas também relacionado por signos deflagradores do sentido que o autor almejou transmitir a seu interlocutor.

A propriedade inerente ao homem – atribuir função comunicativa e simbólica à linguagem – substancia a ligação do ser social às suas experiências. Podendo-se inserir as coisas do mundo no mundo do texto. Este forma um mapa cujos signos utilizados não são meramente itens de uma listagem de significantes léxicos de uma língua, auxiliam na organização de uma estrutura portadora de sentido, ou seja, os signos estruturam o texto conferindo-lhe o sentido que se quer transmitir.

Lendo o texto de Carvalho (1973) entende-se que as línguas naturais contam com a simbolização do conhecimento coletivo dos seres de uma sociedade por suas experiências, elegendo signos transmissores de sentido para a utilização da linguagem apropriada ao evento comunicativo. Pela voz de Azeredo (2002), dizemos que o homem – ser social – organiza suas experiências no tecido de seu texto por conteúdos (função simbólica) e torna esses conteúdos comunicáveis (função comunicativa).

A construção do sentido textual significa desvelar as funções da linguagem entendendo-se que tais funções organizam-se pela constituição textual. O funcionamento de algumas classes pode ser exemplificado só pela análise das orações, porém o funcionamento de outras classes só se pode explicitar no funcionamento discursivo-textual.

Todas as noções apresentadas até aqui - e o que ainda apresentaremos para a constituição da nossa crítica – podem-se relacionar à definição de signo na concepção de Peirce. Signo entendido como algo que representa alguma coisa (objeto) que ali não está. O signo *representâmen*, ou seja, algo que, sob certo aspecto ou de algum modo, representa alguma coisa para alguém, pois o *representâmen* cria na mente do intérprete (receptor) um sinal equivalente (talvez um outro signo) mais bem desenvolvido, isto é, um *interpretante* do primeiro signo (SANTAELLA, 2004).

Resolvemos considerar a teoria signica a fim de compor um texto tratando de referenciação pela relação que se pode estabelecer entre coesão e coerência, adotando a tese de coesão como um mecanismo de estruturação que favoreça a compreensão dos sentidos (a coerência) estabelecidos na trama discursivo-textual. Acredita-se que o leitor pode depreender o sentido do texto pela capacidade de perceber os processos e mecanismos postos em ação quando interpretam o texto. Os leitores encontram nos elementos lingüísticos (ponto de partida para a elaboração de inferências) pistas para a ativação dos conhecimentos armazenados na memória, ajudando a captar a orientação argumentativa dos enunciados constituintes do texto.

Essas pistas (referências coesivas) - para retomar / apontar antecedentes ou conseqüentes – podendo ser também ativações de conhecimentos e inferências do leitor para depreensão de sentidos textuais (coesões).

O conhecimento vai-se estabelecendo à medida que se tem contato com as coisas do mundo. Esse conhecimento não é armazenado em nossa memória de maneira desordenada: o registro em nosso cérebro é feito por modelos cognitivos.

Apresentaremos a seguir alguns modelos cognitivos resumidamente.

Frames

Conjunto de conhecimentos armazenados na memória sob certo rótulo.

Carnaval, por exemplo, lembra desfile, fantasia...

Esquemas

Conjunto de conhecimentos armazenados em seqüência temporal ou causal.

Um dia na vida de um cidadão, por exemplo.

Planos

Conjunto de conhecimentos sobre como agir para atingir determinado objetivo.

A maneira de vencer um campeonato de vôlei, por exemplo.

Scripts

Conjunto de conhecimentos sobre modos de agir estereotipados (perspectiva cultural, lingüística...).

Estratégias de polidez, por exemplo.

Esses componentes são produções sígnicas decorrentes da estruturação sintagmática que resultará ou não na produção da iconicidade do texto. Essa iconicidade é o potencial semântico-discursivo emergente da estruturação textual que conduz o leitor durante a leitura. Não sendo resultado de uma seleção exclusivamente icônica, mas decorrente da articulação de signos de várias categorias e combinações complexas por que se poderão ativar espaços mentais por meio dos quais os processamentos individuais são ativados. Simões (2007).

Já o conhecimento compartilhado refere-se ao modo como cada indivíduo vai armazenando seu conhecimento, considerando-se que duas pessoas não partilhem exatamente o mesmo conhecimento de mundo. É necessário então que produtor e receptor possuam uma boa parcela de conhecimento em comum para minorar as lacunas que possam ficar na apreensão do sentido do texto.

Os elementos textuais que remetem ao conhecimento partilhado entre os interlocutores constituem a informação já conhecida, enquanto que tudo apresentado a partir dela constituirá a nova informação apresentada no texto.

Vai-se estabelecendo, nessa perspectiva, o sentido pela consonância entre informação dada e informação nova. Um texto seria ininteligível para o leitor se contivesse apenas informação nova: o leitor não identificaria as âncoras (SIMÕES, 2007b) as quais ativam o processo cognitivo para a apreensão do sentido textual.

Consideram-se entidades (informação) conhecidas (dada) as que:

1. Constituem o co-texto, isto é, que são recuperáveis a partir do próprio texto.

Exemplo: Encontrei meu aluno na praia. Ele estava com sua namorada.

2. Aquelas que fazem parte do contexto situacional, isto é, da situação na qual se realiza o ato de comunicação.

Exemplo: Entrega esse açaí lá naquela mesa.

3. As que são de conhecimento geral de uma determinada cultura.

Exemplo: Essa operação policial cuida de Daniel Dantas e Nagi Nahas.

4. As que remetem ao conhecimento comum do produtor e do receptor.

Exemplo: Hoje é o seu dia de buscar as crianças no colégio.

A inferência implica utilização de conhecimento de mundo do leitor, estabelecendo uma relação implícita entre dois componentes do texto o qual

está sendo interpretado (enquadres cognitivos e trechos), ativando os conhecimentos necessários para a apreensão dos sentidos do texto.

A leitura textual exige ativação do conhecimento do leitor para inferir o sentido que se desejou transmitir a fim de compreender o texto da maneira a mais ampla possível. (FIORIN E SAVIOLI, 1995) afirmam que o leitor deve ter competência para partir das pistas do nível superficial da trama textual para atingir a estrutura profunda, ou seja, compreendendo o texto em sua totalidade: indo do explícito ao implícito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Organizamos uma reflexão sobre coesão referencial e coerência a partir da leitura dos temas abordados no material como um todo, delimitando as análises de Mondada e Dubois, Apothéloz e Milner para as nossas considerações conforme salientamos. Podendo-se resumir dessas proposições o seguinte: Mondada e Dubois defendem a idéia da reconstrução entre os interlocutores, de acordo com seus propósitos enunciativos; Apothéloz sugere que o entendimento acerca de anáfora e referência seja investigado consoante fatores nos quais estão envolvidos os atores sociais; Milner concebe a anáfora em uma relação assimétrica.

Consideramos em nossa redação a relação existente entre coesão referencial e coerência para refletirmos sobre os conteúdos subjacentes a essas proposições, entendendo-se por coesão referencial a estabelecida entre os componentes da superfície textual que recuperam referentes por substituição (anáfora, por exemplo) ou reiteração (sinônimos, hiperônimos, hipônimos, nomes genéricos, expressões nominais, repetição de item lexical, nominalização, por exemplo), relacionando essa pista (a referenciação coesiva) à ativação de conhecimentos e inferências (a coerência).

Mondada e Dubois definem referenciação como construtos culturais, representações por atividades lingüísticas, processo que caracteriza o ato de referir. A tese de Apothéloz sobre o funcionamento de anáfora rompe com a teoria que privilegia as relações entre as unidades lingüísticas, relevando a influência exterior na constituição do processo lingüístico. O estudo de Milner, concebendo a anáfora em uma relação assimétrica, apresenta a língua em sua representação perfeita e adequada ao mundo.

As considerações de Mondada e Dubois, Apothéloz e Milner nos parecem fundamentadas na visão contemporânea de linguagem, na qual o contexto deixou de ser periférico, considerando-se: que não se pode falar do sentido de um enunciado fora de um contexto, que todo ato de enunciação é assimétrico, pois a pessoa que interpreta o enunciado reconstrói o sentido do ato enunciativo a partir das indicações que se fazem presentes no enunciado.

Considerações que representam a concepção de linguagem que se passou a ter a partir do século XX, isto é, os autores dos artigos destacam o estabelecimento dos diálogos entre as diversas disciplinas das ciências humanas, analisando o lingüístico também pelo que lhe é extrínseco: o antropológico, o social, o cognitivo, o psicológico... Conforme fizera Pierre Guiraud - relacionando questões lógicas e psicológicas ao lingüístico - e outros estudiosos perscrutando o que não fora objeto de análise de Saussure.

Saussure – estabelecendo a dicotomia entre língua e fala - investigara a língua como objeto no qual não se inseriram a reflexão acerca do sujeito, a relação do sujeito com o mundo, a referência, a expressão do pensamento: portanto sua abordagem não recobriu as formas da língua na relação com os objetos do mundo ou com o pensamento. A delimitação do suíço de Genebra possibilitara a alguns estudiosos avançar na investigação de seu objeto, relacionando o sujeito ao lingüístico. Podendo-se destacar os nomes – não que não haja

outros - de Benveniste (apresentando um domínio específico para os estudos enunciativos) e Peirce (não bastasse sua obra original e complexa sobre a semiótica, contribui com a pragmática caracterizada pela concepção de signo).

REFERÊNCIAS

AZEREDO, J. C. de. *Fundamentos de gramática do português*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2002.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BURKE, P. & PORTER, R. (Orgs.) *Linguagem, indivíduo e sociedade*. São Paulo: UNESP, 1993.

CARVALHO, J. G. H. de. *Teoria da linguagem*. Coimbra: Atlântica, 1973.

CAVALCANTE, M. M. *et alii. Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003.

CHARAUDEAU, P. *Grammaire du sens et de l'expression*. Paris: Hachette, 1992.

FIORIN, J. L & SAVIOLI, F. P. *Para entender o texto*. São Paulo: Ática, 1995.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. *Os atos de linguagem no discurso: teoria e funcionamento*. Rio de Janeiro: EdUFF, 2005.

KEMPSON, R. M. *Teoria semântica*. Rio de Janeiro: Zahar editores. Rio de Janeiro, 1980.

KOCH, I. V. *Coesão textual*. São Paulo: Contexto, 2004.

_____. *Coerência textual*. São Paulo: Contexto, 2004.

MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas: Pontes, 1993.

NEVES, M. H. M. *A gramática: história, teoria e análise, ensino*. São Paulo: UNESP, 2002.

SANTAELLA, L. *A teoria geral dos signos*. São Paulo: Pioneira, 2004.

SIMÕES, D. *Iconicidade e verossimilhança*. Semiótica aplicada ao texto verbal. Edição digital. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2007.

_____. *Âncoras textuais: iconicidade a serviço da leitura e da produção de textos*. Abralín, UFPI, abr-2008.

_____. *Linguística aplicada ao ensino de língua materna: estudos semânticos*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2007b.

_____. *Pragmática e ensino do português: estudos lingüísticos*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2007.